

Mídia: fonte e palanque do pensamento de Gilberto Freyre

Edson Fernando Dalmonte

Resumo

Estudo sobre a relação entre Gilberto Freyre (1900-1987) e o universo midiático, buscando contextualizar a formação do seu pensamento e identificar as correntes teóricas que influenciaram nesse processo, especialmente a Nova História. Estudando nos Estados Unidos, durante o período 1918-1922, Freyre entra em contato com um jornalismo mais ágil, resultado do processo da Revolução Industrial. Com base naquela experiência, ao regressar ao Brasil, ele implanta modificações na prática jornalística recifense, adotando uma linguagem mais precisa e objetiva. As principais hipóteses desta pesquisa referem-se aos usos da mídia pelo escritor pernambucano: 1) como palanque para suas idéias, na condição de jornalista ativo; 2) como fonte para suas pesquisas, servindo-se de suportes como notícias e anúncios de jornal e fotografias. Esse recurso de usar a mídia como “cátedra” toma dimensões maiores quando, em 1934, o *Diário de Pernambuco* integra-se aos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, possibilitando a difusão de suas idéias em cadeia nacional. A demonstração dessas hipóteses foi obtida através de consultas bibliográficas, análise de documentos primários, em especial os mantidos pelas Fundações Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre, além de entrevistas semi-estruturadas.

Palavras-chave

Midiologia, jornalismo, biografia, Brasil

Abstract

Study about the relation between Gilberto Freyre (1900 – 1987) and the media universe. It brings into context his way of thinking formation and to identify the theoretical streams that influence him, especially New History. Having studied in the United States from 1918 to 1922, Freyre got in contact with a much active journalism, an Industrial Revolution result. When he returns to Brazil, he modifies journalistic praxis in Recife by adopting a more precise and objective language. This paper's hypotheses refer to Freire's use of media as: 1) a podium to his ideas as an active journalist, 2) as his researches' sources, such as news, ads and pictures. Freyre's way of using media as a cathedra takes bigger proportion when, in 1934, the newspaper *Diario de Pernambuco* becomes one of the newspaper belonging to Assis Chateaubriand's *Diario Associados Co.* From then on, Freyre's ideas diffuse via a national chain. The demonstrations of those hypotheses were made through reference research, firsthand documents, especially the ones kept by Fundacao Joaquim Nabuco and Fundacao Gilberto Freyre, as well as semi-structures interviews.

Key words:

Media studies, journalism, biography, Brazil

1. Formação do pensamento freyreano: ecletismo dialético

Gilberto de Mello Freyre, mais conhecido como Gilberto Freyre, nasceu em 15 de março de 1900, no Recife, capital pernambucana. Filho de Alfredo Freyre, juiz de Direito, latinista e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife, e Francisca de Mello Freyre, ambos descendentes de famílias de senhores de engenho. O universo da casa-grande e da senzala posteriormente retratado em suas obras era algo remanescente de suas memórias de menino, uma vez que fora educado na cidade (VILA NOVA, 1995, p.31).

Em 1916 conclui o curso secundário no Colégio Americano Gilreath. Em 1918 o jovem pernambucano muda-se para os Estados Unidos, a fim de dar seguimento aos estudos. Ao chegar, fica extasiado com as novidades que lá encontra, sendo que aquelas inovações irão marcar decisivamente sua trajetória. 'New Poetry', 'New Criticism', 'New History' são três dos movimentos renovadores que fazem da literatura - ou da cultura - dos Estados Unidos de agora uma das mais vibrantes do mundo moderno" (FREYRE, 1975, p.44).

Ao ir para os Estados Unidos entra em contato com uma corrente denominada *New History*¹, que valoriza um novo tipo de análise, tendo como objeto a totalidade dos fatos. Referindo-se a esse novo modelo de análise histórica, diz que "é uma história [a Nova História], a organizada por esse processo, evidentemente superior à que se contenta com as datas e os nomes de reis e gerais" (FREYRE, 1975, p.100).

Em 1920 inicia seus estudos de Ciências Políticas como bolsista na Universidade de Columbia. Dentre as muitas influências, destaca-se Franz Boas, que o orienta em sua

pesquisa de mestrado, a qual vem a defender em 1922. O título do trabalho é *Social life in the middle of the 19th century*² (RIBEIRO, 1986, p.159-161). É nessa pesquisa que o autor mostra seu verdadeiro interesse: envolver-se com uma temática brasileira. Em seu livro de memórias fala do desejo de voltar para o Brasil. Se tivesse que ser escritor, o seria em língua portuguesa (FREYRE 1975, p.31).

Sobre essa outra possibilidade de análise histórica, que já serviu de base para seus estudos iniciais, afirma o autor:

Segundo a 'New History' - nisto semelhante à renovação de estudos histórico-sociais que vinha sendo empreendida na França por Marc Bloch e seria continuada por vários dos seus discípulos, um deles o hoje Mestre Fernand Braudel - ao estudo do passado humano fazia-se necessário aplicar critérios diferentes dos convencionais - isto é, dos cronológicos, dos centrados apenas no estudo dos fatos políticos e guerreiros (FREYRE, 1977, p.19-20)

Num outro extremo, Freyre se aproxima intelectualmente da nova escola francesa de história, chamada *École des annales*. O primeiro número da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, surge em 1929, sob a direção de Lucien Febvre e Marc Bloch. Dentre os objetivos dessa escola estavam um maior intercâmbio intelectual entre historiadores e cientistas sociais, além da proposta de uma história revolucionária, que se contrapunha à história até então em voga na França.

Depois de viagens pela Europa, retorna ao Brasil em 1924. No início dos anos 40, já consagrado como escritor, fixa residência num antigo solar, Santo Antônio de Apipucos, no

¹ A escola denominada Nova História Americana foi criada pelo norte-americano James Harvey Robinson (1863-1936), professor da Universidade de Columbia, Nova York. Ele introduz nos Estados Unidos duas idéias novas acerca da história: de um lado, a crítica acirrada aos textos tidos por históricos, questionando inclusive sua autenticidade; do outro lado, apresenta a noção de que a história não é somente política e militar, feita de grandes homens, mas é também econômica e social. É o resultado do conjunto dos grupos sociais, envolvendo desde o mais obscuro ao mais célebre dos homens. Suas obras mais conhecidas são *The new history* e *The making of the mind*. In: *New history*. Enciclopedia Universalis. França, [CD ROM], 1995.

² Obra que é publicada pela Hispanic American Historical Review no mesmo ano. No Brasil só é publicada em 1964 sob o título *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*.

³ Casa-grande & senzala (1996a) teve 31 edições no Brasil, mais uma versão em quadrinhos, em 1981; duas edições argentinas; uma na Venezuela; quatro nos Estados Unidos - The masters and The slaves; cinco na França - *Maîtres et esclaves*; três em Portugal; Três na Alemanha - *Herrenhaus und sklavenhütte*; uma na Itália - *Padroni e schiavi*; uma na Inglaterra - The history of Brazil; uma na Polónia - *Panowie i niewolnicy e uma na Hungria - Udvaráz és szolgaszállás* (FONSECA, 2001b).

⁴ Gilberto Freyre esteve em contato com o pensamento intelectual histórico e o de sua época, por exemplo Freud. De sua biblioteca pessoal, com mais de 40 000 volumes, parte está na casa-museu, no antigo solar de Apípuos. Com uma simples consulta a essa coleção percebe-se o afincamento com que o escritor se dedicava a conhecer tais obras. Os livros não eram apenas lidos, mas estudados, o que se verifica pela quantidade de anotações com comentários nas páginas dessas obras.

⁵ Leon Nicolaievitch Tolstói viveu na Rússia entre 1828 e 1910. É autor por exemplo de *Ana Karenina* e *Guerra e paz*, escrito entre 1864 e 1869. Foi autor influente, envolto em uma certa espiritualidade, em torno do qual se desenvolveu um tipo de fraternidade religiosa denominada Tolstoísmo. Para aprofundar o tema, consultar, por exemplo: LEON, Derrick. *Tolstói: su vida y su obra*. Buenos Ayres: Ediciones del Tridente, 1946.

Recife. Logo em seguida casa-se com Magdalena, com quem tem dois filhos, Fernando e Sônia.

Para que se possa compreender a importância intelectual de Gilberto Freyre, há que se mencionar sua obra. Objetivando, senão definir, pelo menos indicar a envergadura de tal escritor, faz-se necessário assinalar a grandeza numérica de sua obra, uma vez que é mais conhecida pela sua abrangência e por seu impacto intelectual.

Ao longo de sua vida, Freyre escreveu 78 livros, alcançando entre edições e reedições a marca de 219 publicações. O principal exemplo é *Casa-grande & senzala*, que em todo o mundo teve 53 edições³ entre o ano de seu lançamento (1933) e 1996. O último livro escrito por ele é *Ferro e civilização no Brasil* (1988), publicado após sua morte, em 1987.

Freyre escreveu 96 opúsculos, foi o organizador de 14 obras coletivas, sendo o *Livro do Nordeste* (1925) o primeiro. Como lembra FONSECA (2001a), “é a primeira obra coletiva que se publicou nesse país e de caráter interdisciplinar porque aborda desde folclore, rendas, música, literatura, ensino, agricultura e indústria regionais. É uma obra inter-regional porque tem colaboradores de diferentes partes do Nordeste”.

Freyre esteve na direção de seis publicações periódicas e seriadas, inclusive internacionais, como é o caso de *El estudiante latinoamericano*, entre 1918 e 1921. Conta ainda com 87 contribuições em obras coletivas e 167 prefácios e apresentações, além de intensa atividade, ao longo de toda sua vida, em jornais e revistas.

Gilberto Freyre recebeu várias homenagens pela sua contribuição ao desenvolvimento do pensamento social, tanto no

Brasil quanto no mundo. Recebeu títulos de *Doutor Honoris Causa* de diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Recebeu ainda o título de *Sir*, honraria máxima conferida pelo Rainha Elizabeth II, da Grã-Bretanha. Foi consagrado pela Sorbonne como “abridor de novos caminhos às Ciências do Homem” (*Jornal de Cultura*, 2000, p.2).

1.1. Percurso intelectual

Gilberto Freyre é um intelectual eclético, que bebeu de vários mananciais: Eça de Queiroz, Goethe, Joaquim Nabuco, até mesmo a Bíblia⁴. Entre esses autores talvez o que mais tenha influenciado o ainda jovem estudante, tenha sido o conde russo Leon Tolstói⁵, como ele mesmo escreve em 1916: “Vai ao povo e procura compreendê-lo” ensina Tolstói. Exatamente o contrário do que fazem esses imbecis que são quase todos ou doutores, sacerdotes, mestres e bacharéis brasileiros que, mesmo quando vêm da parte mais humilde do povo, se afastam do povo” (FREYRE, 1975, p.11).

A correlação entre ambos, se dá, por exemplo, no tipo de narrativa desenvolvida em suas obras. O cerne dessas narrativas está num tipo de visão que se assenta na valorização dos fatos aparentemente comuns, cotidianos. Ao invés de serem narrados os grandes feitos, narra-se o ocorrido na vida das pessoas e a partir daí busca-se a ligação com os eventos de maior repercussão. É assim, por exemplo, com *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1996a) e *Guerra e paz* (TOLSTOI, 1942).

Com a ida para os Estados Unidos e o conseqüente contato com uma nova intelectualidade, ligada a uma perspectiva de estudo

diferenciada no tocante ao homem e suas relações sociais, Freyre depara-se, dentre os tantos intelectuais que o marcaram⁶, com Franz Boas, que o orienta em sua pesquisa de mestrado em Columbia. Mas há que se mencionar também a relação de proximidade com Oliveira Lima, que, segundo VILA NOVA (1995, p.35), talvez tenha sido intelectualmente o grande mentor de Gilberto Freyre⁷. Sobre a relação com o mestre, afirma FREYRE (1996a) no prefácio à primeira edição a *Casa-grande & senzala*: “O professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão [...] Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas”.

O alemão Franz Boas (1858-1942), nascido em Westphalie, trabalhava na perspectiva da evolucionismo social e cultural. Dedicou-se a suas pesquisas na Universidade de Columbia. Inicialmente, parte do pressuposto do determinismo que o ambiente poderia exercer sobre a cultura. “Não há dúvida de que a vida cultural do homem é, em muitas e importantes maneiras, limitada pelas condições geográficas” (BOAS, 1959, p.265).

A idéia de um determinismo geográfico total é desbancada quando em 1833 vai em expedição à Terra do Fogo para estudar os esquimós. É nessa viagem que percebe a importância da cultura na vida social (VILA NOVA, 1995, p.37). Com isso, dá início a uma tradição de pesquisas de campo, denominada etnografia, que surge no momento em que o pesquisador sente a necessidade de efetuar sua pesquisa *in loco*. A observação direta passa a estar indissociada da pesquisa na área de antropologia.

O contato com Boas marca decisivamente a concepção metodológica de Freyre, que passa a ser bastante eclética, como ele mesmo definia: “observação, mensuração, interpretação através de uma participação intensa do observador na vida observada” (FREYRE, 1975, p.160). Sobre a idéia do que deveria ser uma nova postura frente ao objeto de estudo, ele diz que isso apenas seria possível “deixando os gabinetes para tornar-se também estudo de campo: de observação e verificação da realidade social como ela é. Como se apresenta em grupos que podem ser estudados na intimidade do seu cotidiano, de modo mais completo; e através dos pormenores mais significativos desse cotidiano”(p.225).

Nesse ponto lhe foram direcionadas críticas, por atribuir importância a fatos cotidianos, em detrimento dos grandes feitos, centrando sua análise na interação dos fatos. “Há quem me venha censurando o modo de ser sociólogo, por não ser o grandioso, que se especialize nas grandes generalizações, mas ir ao extremo oposto: o de descer a pequenos e, para esses críticos, desprezíveis pormenores” (FREYRE, 1968, p. 71).

É o próprio autor que expõe os motivos do desconcerto provocado pelo seu trabalho.

Contra inovações que lhes pareciam blagues como os meus agradecimentos, em prefácio, a ex-escravos e a analfabetos, por informações deles colhidas, em entrevistas; também contra a utilização de anúncios de jornais [...] de cartas e documentos particulares, como material de valor histórico e sociológico. Inovações, todas essas, desconcertantes para muitos e escandalosas para alguns (FREYRE, 1968, p.137).

Gilberto Freyre é um intelectual conflitante com sua própria época, colocando-se em

⁶ *Seligman em Economia Política; Franz Boas em Antropologia; Giddings em Sociologia; Munro em Ciências Políticas; Hayes em História Social; Dewey em Filosofia; Basset-Moore em Direito. É contemporâneo de Ruth Benedict, M. Herskovits e Margareth Mead.* (RIBEIRO, 1986, P.159-160).

⁷ *“De Oliveira Lima receberia Gilberto Freyre o sentido da importância fundamental de história como fonte insubstituível de conhecimento da vida social; a marca do historicismo do qual viria a derivar a sua ‘sociologia genética’, como ele próprio a denominou formando, assim, juntamente com o seu ‘ecologismo’, as duas abordagens complementares que caracterizam a sua maneira pessoal de investigar, descrever e interpretar a sociedade e a cultura”* (VILA NOVA, 1995, p.35).

posição diversa dos seus contemporâneos. Essa divergência é observada, por exemplo, em relação à orientação acadêmica adotada, divergente da positivista ou meramente quantitativista. O conjunto das inovações freyreanas ganha importância nas palavras de Carlos Guilherme MOTA (2000, p.30), ao dizer que “a obra de Freyre teve o peso de uma denúncia do atraso intelectual, teórico, metodológico, que caracterizava os estudos sociais e históricos no Brasil”.

Enquanto intelectual também diverge de seus contemporâneos por não pretender estar ligado a uma cátedra. Prefere, ao invés disso, a aventura proposta pelo livre trânsito entre uma realidade e outra, circulando livremente entre as universidades, sem se fixar em nenhuma delas, o que exigiria a permanência, mas que era contrário ao seu espírito de cigano de beca, ou *scholar gipsy*, como ele dizia em inglês (CHACON, 1993, p.109).

2. O jornalista Gilberto Freyre

Gilberto Freyre nasce em 1900, o novo século, marcado por várias transformações, incluindo, de maneira especial, a reorganização por que passa a sociedade no tocante à dinâmica de visibilidade social levada a cabo pela mídia. É por meio dela que se passa a organizar uma outra noção de espaço público, tendo a mídia como local de promoção e difusão de novos conceitos, organizando a sociedade em torno dessa nova realidade – a midiática.

Da mesma forma, é interessante notar seu posicionamento em relação ao sistema de produção da mídia, visto que também passa à qualidade de produtor nesse sistema. Gilberto Freyre torna-se jornalista aos 16 anos, exercendo essa profissão até sua mor-

te, em 18 de julho de 1987. No dia seguinte à sua morte, domingo, é publicado seu último artigo no *Diário de Pernambuco*, sob o título *Meu querido Lula Cardoso Ayres*. Ou seja, são 71 anos de exercício da profissão, abraçada ainda na adolescência.

2.1 - O jornalista colegial

Não basta a um intelectual ter e desenvolver idéias; é igualmente necessário comunicá-las e torná-las públicas. É nessa máxima que se assenta a tradição de Gilberto Freyre. De um lado, o profícuo intelectual, com uma vasta obra e muitas idéias; de outro, a necessidade de difundir tal pensamento e de se firmar como pensador no meio de uma intelectualidade tradicionalista. A essa altura cabe apresentar a hipótese que será desenvolvida ao longo desse artigo: o uso da mídia para promoção de sua imagem e difusão de suas idéias⁸.

A iniciação de Freyre no âmbito jornalístico acontece muito cedo. É aos 16 anos, enquanto estudante secundarista do Colégio Americano Batista, que ele se inicia no meio jornalístico. Ele assume a direção de um jornal estudantil daquela instituição chamado *O Lábaro*⁹. Naquele jornal estudantil Freyre assumiu a função de diretor/editor, ilustrador e, em menor escala, de articulista.

É bastante significativa essa inserção ainda na juventude no campo jornalístico. Está aí, precocemente, explicitada a vocação do jovem pernambucano – a mídia. Segundo relato de FONSECA (2001a), o exercício da atividade comunicativa, nos formatos jornalísticos, faz-se presente inclusive durante a viagem para os Estados Unidos. Na ocasião, criou uma *folha volante*, algo como um fanzine.

É esse o universo do jovem pernambucano,

⁸ Em exposição no Seminário Gilberto Freyre: patrimônio brasileiro, nos dias 16 e 17 de agosto de 2000, na Folha de São Paulo e USP. Joaquim Falcão chamou a atenção para uma peculiaridade de Gilberto Freyre: ele encanava um tipo de ‘relações públicas de si mesmo’.

⁹ O jornal *O Lábaro* encontra-se no setor de coleções especiais do Arquivo Público de Recife.

que nasce no século da mídia e se torna simpatizante do processo por ela engendrado. Ele se torna pensador, escritor, mas acima de tudo, jornalista, homem da mídia, que soube fazer dela a plataforma para seus pensamentos. Essa relação fica ainda mais clara no momento em que embarca, em 1918, para os Estados Unidos, e lá chegando, depara-se com uma sociedade fortemente marcada pela Revolução Industrial, que estava vivendo sob o impacto de uma reorganização social em função da inserção da mídia nas relações da sociedade com o cidadão. O próprio mundo da política passava por uma reorganização em função do desenvolvimento midiático, elevando a mídia a um novo patamar, por exemplo, no tocante ao processo de visibilidade social conferida às campanhas eleitorais¹⁰.

2.2. Jornalismo norte-americano: influências e restrições éticas

Gilberto Freyre, em 1918, segue para os Estados Unidos. Vai para lá estudar. Com isso, entra em contato com um novo sistema sócio-cultural. Aquele era o país que já despontava como nação hegemônica, em especial por seu avanço tecnológico. Uma das características principais era o avançado quadro da imprensa. A imprensa norte-americana tem sua origem no século XVIII, tendo a Nova Inglaterra como berço do jornal.

Dentre as inovações, Freyre encontra um jornalismo que visava os grandes números. A inovação norte-americana fica circunscrita, por exemplo, a Joseph Pulitzer e seu jornal *World*, que embora também classificado como “amarelo”¹¹, é um dos expoentes do chamado novo jornalismo, que se inicia no final do século XIX. Contudo, a principal modernização no jornalismo ocorre com a especialização

das atividades, o que transforma qualitativa e quantitativamente as empresas de comunicação. Para EMERY (1965, p.417), “a especialização das atribuições tornou-se necessária quando o processo de editar se fez mais complexo e quando as equipes cresceram em tamanho”.

Esse formato de empresa de comunicação irá influenciar Freyre no modo de exercer o jornalismo ao retornar para o Brasil. Pelas empresas de comunicação por onde passa, como *Diário de Pernambuco* e *A Província*, incentiva mudanças no sentido de fazê-las funcionar de forma semelhante às empresas norte-americanas. Com isso, impõe inovações técnicas e administrativas.

2.3. Diário de Pernambuco: o diário quase íntimo de Freyre

À aventura iniciada no jornalismo estudantil, nos tempos de *O Lábaro*, segue-se outra, dessa vez de forma sistemática e em veículos tradicionais. Aos 18 anos¹², nos Estados Unidos, começa a escrever e enviar uma série de artigos, que passaram a compor uma coluna no *Diário de Pernambuco*, intitulada “Da outra América”¹³.

A relação com o *Diário de Pernambuco* é fundamental para se entender a relação de Gilberto Freyre com o jornalismo. Embora tenha publicado em muitos outros periódicos, foi no diário pernambucano onde o fez de maneira assídua, sem interrupção, por 69 anos. Sobre a relação com aquela empresa, lembra FREYRE (1985, p.9): “desde a adolescência, tão ligado ao *Diário de Pernambuco*. Ligação tão afetiva quanto efetiva [grifos nossos]”.

A história do *Diário*¹⁴, iniciada em 1825, que no início do século XX era um dos mais tradicionais periódicos em circulação, está intimamente ligada à trajetória de Freyre.

¹⁰ No livro *Vida: o filme* – como o entretenimento conquistou a realidade, o norte-americano Neal Gabler (1999) apresenta uma série de reflexões acerca do que chama ‘a sociedade do entretenimento’, que faz parte do “mundo novo da pós-realidade”. Ele faz referência aos Estados Unidos, onde tudo gira em torno do entretenimento, até mesmo a política. “É uma sociedade onde as celebridades se tornaram modelos exemplares porque são elas que aprenderam como roubar a cena, independentemente do que tiveram que fazer para roubá-la” (p.16).

¹¹ O “jornalismo amarelo” tem esse nome em função do “yellow kid” – garoto amarelo -, personagem que marca a inserção de desenhos coloridos em jornais, na década de 1890, com a intenção de aumentar a vendagem. Jornalismo amarelo é o termo usado para caracterizar o sensacionalismo norte-americano (BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L., 1993. p.72).

¹² Por ocasião das comemorações dos 80 anos de Gilberto Freyre o *Diário de Pernambuco* afixa uma placa no andar onde ficava a redação com os seguintes dizeres: “Neste *Diário de Pernambuco* a 3 de novembro de 1918 Gilberto Freyre iniciou suas atividades de escritor”.

¹³ A série de artigos intitulada “Da outra América” encontra-se reunida no livro *Tempo de aprender* (FREYRE, 1979).

Em 1924, ano em que retorna ao Brasil, foi admitido como redator especial, vindo a ocupar o cargo por dois anos (NASCIMENTO, 1968, p.145).

Em 1925, ano do centenário do *Diário de Pernambuco*, as comemorações ocorridas no dia 7 de novembro, ficaram a cargo de Freyre. No referido dia, o *Diário* circulou em edição recorde de 60 páginas. Porém, o grande marco do evento seria a publicação da primeira obra de autoria coletiva no Brasil, o *Livro do Nordeste*, organizado por Gilberto Freyre, sendo de sua autoria três dos artigos: “Vida social no Nordeste (1825-1925)”; “A pintura no Nordeste” e “A cultura da cana no Nordeste”. Com isso, Freyre passa a ser apontado como o “inventor do Nordeste”, mas a expressão, segundo BENJAMIM (2000), havia sido pioneiramente empregada na Confederação do Equador, em 1830, que finda com a morte de Frei Caneca.

Já em 1926, com 26 anos, Freyre assume a chefia da redação do *Diário de Pernambuco*, o jornal mais antigo na América Latina. A relação com aquela empresa jornalística é quase de parceria, tanto que naquele mesmo ano representa o *Diário* no congresso Pan-Americano de Imprensa, nos Estados Unidos (FREYRE, 1975, p.193-194).

Em 17 de junho de 1931 o *Diário* passa por uma profunda transformação – integra-se aos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, amigo íntimo de Freyre. Mas a transação só vem a se efetivar no ano de 1934 (NASCIMENTO, 1968, p.152 e 159). No dia 3 de setembro, Gilberto Freyre é designado como um dos diretores efetivos, cargo que ocupa até 20 de novembro e que havia aceito para cobrir a fase de reorganização do *Diário*. Ele continua, contudo, prestando serviço na qualidade de colaborador (ibidem p.159-160).

Outro fator importante a ser considerado diz respeito à relação empregatícia entre Freyre e as empresas de comunicação onde publicava seus artigos. De acordo com FONSECA (2001a), “o Gilberto sempre fez questão de que a colaboração fosse paga, de que o trabalho intelectual fosse remunerado”. Era na condição de colaborador que fazia suas publicações, como no *Diário de Pernambuco*, onde atuou nessa condição por toda a vida, sem abrir mão, contudo, da remuneração. Esse fato é decisivo para que se possa entender a essência da relação do escritor com os meios de comunicação, que não estava baseada no favor e, sim, num contrato entre o profissional e a empresa.

Foi ainda pelo *Diário de Pernambuco* que Gilberto Freyre fez seu registro profissional. Data de 30 de janeiro de 1956 sua admissão formal, que é feita na condição de redator. No mesmo ano, em 30 de abril, é admitido no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Recife, sendo que o registro profissional de jornalista remonta a 8 de agosto de 1953.

2.4. Da província para a nação

A inserção de Freyre na intelectualidade pernambucana se dá via *Diário de Pernambuco*, quando em 1918 começa a enviar artigos dos Estados Unidos. No referido periódico ele publica ao todo 2.201 artigos¹⁵. Com base nesses dados, pode-se retomar e afirmar a hipótese de que por meio desse recurso ele se manteve sempre em voga, fazendo da imprensa uma cátedra, por meio da qual divulgava suas idéias.

Mas, além de se firmar na província, competia ao intelectual se lançar no quadro nacional, pois seu objetivo sempre foi o de se estabelecer em Recife, contudo, não para se encerrar naquele espaço e, sim, tê-lo como base.

¹⁴ Para uma visão histórica do *Diário de Pernambuco*, consultar: NASCIMENTO, Luiz do. *Diário de Pernambuco. Recife: Imprensa Universitária, 1968. 210 p.*

¹⁵ FONTE: Base de dados bibliográficos FREYRE – Fundação Joaquim Nabuco.

É também por meio dos jornais que se lança e se mantém no panorama nacional, escrevendo regularmente em periódicos de vários centros do país, tais como: *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio* e *A Província* – PE; *Correio da Manhã*, *A Manhã*, *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *Jornal Pequeno* – RJ; *La Nación*, *Buenos Aires*; *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da tarde* – SP.

Se considerarmos a importância dos artigos publicados no *Diário de Pernambuco*, muito há que se dizer da abrangência de tais artigos em circuito nacional. Por meio dessa ‘tática’ o intelectual deixa de ser provinciano, tornando-se figura nacional. O trânsito da província para a nação ganha proporções ainda maiores com a estrutura dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand¹⁶.

Chatô era amigo pessoal de Freyre, tanto que os recursos para a primeira edição de *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1996a) são conseguidos junto ao colega jornalista. A amizade íntima entre ambos está registrada pela relação epistolar, sendo que o número da correspondência recebida por Freyre proveniente de Chatô é de 50, incluindo telegramas, cartas e bilhetes¹⁷.

Para Gilberto Freyre, figura ligada ao *Diário de Pernambuco*, que passa a fazer parte dos *Diários Associados* em 1934 (NASCIMENTO, p.159), o uso daquela estrutura foi fundamental. Com isso, seus artigos passaram a ser “republicados” pelos outros jornais do grupo. Uma mesma matéria podia aparecer em vários periódicos, como é o caso do artigo “Dois Recifes”, que sai no *Jornal do Commercio* em 19 de agosto de 1945 e na *Folha da Manhã*, em 15 de setembro do mesmo ano.

Dentre os principais veículos de comunicação dos *Diários Associados* estava a

revista *O Cruzeiro*, que era o semanário mais difundido em território nacional. Na referida revista Gilberto Freyre publicou 874 artigos¹⁸, sempre na coluna assinada por ele: “Pessoas, coisas e animais”¹⁹. Esse fato mostra a maneira pela qual Gilberto Freyre, pelo uso da estrutura midiática, passa de figura provinciana à condição de intelectual nacional.

Por meio dessa onipresença ele realiza um tipo de agendamento da mídia²⁰, que passa a apresentá-lo como o intelectual qualificado para falar sobre variada temática. Mas é sem dúvida por meio das entrevistas por ele concedidas que se mostra capaz de manipular a mídia em seu favor. Assim acontece nas entrevistas por ele concedidas aos 80 e 83 anos. Recorrendo a temas-tabu, como sexualidade, mostra toda a sua irreverência e capacidade de lidar com a mídia, ávida por questões sensacionalistas, o que é por ele oferecido na medida certa.

Da mesma forma, é possível verificar o alcance intelectual de Gilberto Freyre por meio da cobertura de sua morte. A imprensa, nacional e internacional, dedica considerável espaço, por dias consecutivos, para uma cobertura que fala das contribuições intelectuais do ilustre pernambucano. Esse material, em especial as primeiras páginas, revela o apreço alcançado por ele num espaço que lhe era tão familiar. Tudo isso mostra que ele era um homem que sabia exatamente o que era a mídia, bem como a maneira de manipular essa instância articuladora do novo espaço público.

2.5. O jornal A Província: uma escola

A grande aventura de Gilberto Freyre nos campos do jornalismo se dá em *A Província*, que começou a circular em Recife em 6 de

¹⁶ Assis Chateaubriand formou o maior império de comunicação da América Latina, começando por São Paulo, pelo *Diário da Noite* e alastrando-se por todo o território nacional, constituindo o que inicialmente se denominou “O consórcio Chatô”, e posteriormente passou a ser conhecido por “*Diários Associados*” (MORAIS, 1994, p.118 e 256). Desse condomínio faziam parte inúmeros jornais, rádios e uma agência de notícias, a Agência Meridional.

¹⁷ Em 1959 Chatô declara publicamente que deixaria a “22 de seus empregados 49% da propriedade de seu império de comunicações, constituído por quarenta jornais e revistas, mais de vinte estações de rádio, quase uma dezena de estações de televisão, uma agência de notícias e uma empresa de propaganda” (MORAIS, p.598).

¹⁸ FONTE: Arquivo documental da Fundação Gilberto Freyre.

¹⁹ FONTE: Base de dados bibliográficos FREYRE – Fundação Joaquim Nabuco. Parte dos artigos publicados por Freyre na Revista *O Cruzeiro* encontra-se reunida no livro que leva o nome da coluna: *Pessoas, coisas e animais* (FREYRE, 1981).

²⁰ Essa é a Hipótese de Agenda-Setting, que para BARROS FILHO (1994, p.1) “é a hipótese segundo a qual a mídia, pela disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”.

setembro de 1872²¹, como órgão do Partido Liberal (NASCIMENTO, 1966, p.174). O fato de o jornal pertencer a um partido torna-se fundamental para se compreender a relação de não-dependência, quando Estácio Coimbra assume o governo de Pernambuco, e Freyre está à frente daquele jornal.

Gilberto Freyre desempenha a função de diretor de *A Província* entre 1928 e 1930, quando eclode a chamada Revolução de 30 e o jornal é impedido de circular. Tanto Estácio, quanto Freyre, seu secretário, partem para o exílio. É fato de suma importância o tipo de relação que Freyre exige do jornal para com o Estado, o de afastamento econômico. Competia à empresa buscar outros recursos e, para isso, deveria cortar o vínculo direto com o Estado (SANTOS, 1950).

O outro caminho adotado por Freyre n'A *Província* foi o da introdução de inovações técnicas e estilísticas no jornalismo, também elas decorrentes de suas experiências nos Estados Unidos.

Freyre assume a direção do jornal, dedicando-se de maneira especial ao cargo que lhe fora confiado, e de forma contrária a sua tradição, publica poucos artigos, o que se verifica pelos números: 75 contribuições em *A Província*, dentre as quais, estão incluídas caricaturas, sob os seguintes pseudônimos: Le Moine, Antonio Ricardo, Jorge Rialto e Raul dos Passos²², com as quais assina inclusive os artigos.

Por meio das caricaturas de Le Moine ilustra a coluna “caras do dia”. Sobre essa experiência, o depoimento do próprio FREYRE (apud PEREIRA, 1982, p.193) é bastante elucidativo; “meu nome não aparece em artigo algum, aparece o pseudônimo. Isso me dava uma autoridade maior para dirigir o jornal sem ser o participante literário ou

como colaborador ou como jornalista ostensivo no jornal, e assim se fez”.

Dentre os cuidados que Freyre passa a ter com o jornal, um deles gira em torno do estilo, que deve ser o mais claro e objetivo possível, deixando de lado os vícios de linguagem ou preciosismos. Quem atesta esse fato é o jornalista Jayme SANTOS (1950), que vivenciou essa inovação. “Na redação de *A Província*, encontrei um quadro com esse título: Palavras que não se usam nesta casa. E, a seguir, vinham citadas: genitor, quejando, belo, oriundo, consorte, mormente, propiciar e uma série de outros termos”.

O objetivo central do diretor é modificar a linguagem, fazendo com que esta se torne mais flexível e objetiva, como relata em seu livro de memórias (FREYRE, 1975, p.234): “Um dos meus empenhos é dar ao noticiário e às reportagens um novo sabor, um novo estilo: muita simplicidade de palavra, muita exatidão, algum pitoresco. Nada de se dizer ‘progenitor’ em vez de pai nem de ‘genitora’ em vez de mãe”.

Essa nova linguagem parecia estranha para o Brasil da época, mas era um novo tempo que estava chegando, tempo no qual a comunicação estava se tornando massiva e tornava-se mais dinâmica na perspectiva dos processos de industrialização, que exigiam maior agilidade dos meios de comunicação social.

A verdade é que essa ‘moda’ de se criar um manual de redação e estilo não teve êxito imediato, embora tenha sido muito bem explorada durante o tempo em que Freyre esteve à frente d'A *Província*, entre 1928 e 1930. Segundo José MARQUES DE MELO (2000, p78), os “manuais de redação” só seriam legitimados no Brasil na segunda metade do século passado, período em que nossa

²¹ Para uma visão completa do jornal *A Província*, consultar NASCIMENTO, Luiz do. *A Província*. In: *História da imprensa em Pernambuco (1821-1954)*. Vol. II. Recife: Imprensa Universitária, 1966. p.174-236.

²² FONTE: Base de dados bibliográficos FREYRE – Fundação Joaquim Nabuco.

imprensa definitivamente ingressa na sua etapa industrial.

Mais essa faceta do intelectual de Apipucos é bastante reveladora, em especial se partimos da premissa de que ele interveio de forma inovadora na comunicação. Fica claro que ele não concebia o processo comunicacional centrado apenas no produtor, mas preocupava-se com o outro lado, ou seja, a recepção. Esse fato desdobra-se, por exemplo, no respeito ao leitor, da parte do Freyre jornalista, de acordo com José Augusto GUERRA (1980, p.89), “não esquecia o que de mais importante existe no jornalismo, este personagem nem sempre lembrado da fina arte de comunicação gráfica - o leitor”.

Em linhas gerais, a aventura n'*A Província* dá grandes resultados, inovando e renovando o campo jornalístico. A linguagem torna-se mais precisa e objetiva, a comunicação gráfica, bem como os profissionais aí envolvidos, são devidamente valorizados. E o próprio FREYRE (1975, p.237) apresenta outra novidade inserida nesse contexto: o jornalismo de campo, em detrimento daquele de gabinete que então se praticava.

Já fiz n'*A Província* alguma das coisas que deixava fazer. Seu noticiário é hoje o mais exato, o melhor, da imprensa do Recife, e talvez do Brasil. Inclusive reportagens. Eu próprio tenho feito, sem nunca assinar, entrevistas e reportagens - **jornalismo de campo e não de gabinete** [grifos nossos]. O jornalismo de campo é o verdadeiro jornalismo.

Freyre aplica à profissão a influência que recebeu do seu mestre de Columbia, Franz Boas, que inicia uma nova tradição na antropologia com a pesquisa de campo, que

As particularidades do jornalista Gilberto Freyre colaboram com a criação de um novo jornalismo, mais dinâmico, mais objetivo e centrado na relação direta com os fatos

era contrária às ‘pesquisas de gabinete’. Por meio dessa premissa, passou-se a valorizar a observação direta do fenômeno, sem intermediações. Esse fator, segundo Laplantine (2000, p.75), desencadeia uma verdadeira revolução no primeiro terço do século XX na antropologia. Freyre emprega no jornalismo a nova perspectiva adotada nas Ciências Sociais, privilegiando a observação *in loco* e a narrativa dos fatos a partir de onde ocorrem.

Todas essas particularidades do jornalista Gilberto Freyre colaboram com a criação de um novo jornalismo, mais dinâmico, mais objetivo e centrado na relação direta com os fatos. Com base nessas evidências históricas é que se pode afirmar que no período em que Freyre esteve à frente d'*A Província* ele introduziu novas técnicas, inovando o campo jornalístico, configurando aquela empresa, nas palavras de quem vivenciou todo o processo, numa ‘escola de jornalismo’. “Gilberto Freyre era rigoroso. Por isso mesmo ‘*A Província*’ foi uma grande ‘escola de jornalismo’. Lá, só não aprendeu quem não nasceu para o ‘risca-do” (SANTOS, 1950).

3. Os usos da mídia na ótica de Gilberto Freyre

No âmbito científico, a preocupação inicial de Gilberto Freyre recai sobre a diversidade cultural, e, de maneira especial, sobre o processo que levou a essa diversificação. Para o resgate do processo constitutivo de tal quadro, o autor recorre a várias fontes de informação, inclusive aos suportes midiáticos, servindo-se da narrativa constituída com base na linguagem concernente a cada um deles. Localiza-se aí a outra hipótese de trabalho: o uso da

mídia enquanto objeto histórico.

A preocupação com a mídia passa a ser um traço característico na trajetória de Freyre. Em sua primeira obra, *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* (FREYRE, 1977), o autor já se serve desses métodos. Há, na referida obra, o uso sistemático de daguerreótipos, litografias e anúncios de jornais.

Essas reflexões acerca das possibilidades de reconstrução de um passado cultural estão presentes também de forma marcante em *Casa grande & senzala* (1996a), mas na obra seguinte *Sobrados e mucambos* (1996b) o autor agrega um importante elemento, presente de forma modesta na obra anterior, usado para a reconstituição do passado: a mídia. Por meio de jornais ele reconstrói os vários períodos de nossa história, encontrando nos anúncios de jornais um testemunho fiel e contundente, revelador de minúcias, que de outra forma escapariam ao pesquisador. Essa perspectiva já foi apontada pelo professor José MARQUES DE MELO em *Estudos de jornalismo Comparado* (1972), em especial no capítulo “A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil: contribuições de Gilberto Freyre e Luiz Beltrão”.

A partir de *Sobrados e mucambos* (1996b) e de suas obras subseqüentes, Freyre desenvolve suas pesquisas com base em evidências midiáticas, servindo-se das mais variadas fontes, e a partir delas organiza sua narrativa acerca do passado.

Em 22 de março de 1964 é publicada uma nota no *Diário de Pernambuco* sobre o Curso de História de Pernambuco através da imprensa²³, na Associação de Imprensa de Pernambuco, sob orientação do professor Amaro Quintas. Os trabalhos foram iniciados com a conferência proferida por Gilberto Freyre:

“uma nova técnica de investigação histórica e sociológica: os anúncios de jornal”.

Gilberto Freyre estava realmente envolvido com a possibilidade de estudo a partir da mídia, tanto é assim que participa do primeiro *Curso Nacional de Ciências da Informação*, promovido pelo Instituto de Ciências da Informação - ICINFORM²⁴, realizado entre janeiro e março de 1965. No curso, ministrou duas aulas sobre o tema “reportagem, entrevista e correspondência de jornal como atividade de informação susceptíveis de ser orientadas cientificamente” (Comunicações & Problemas, 1965, p.110).

3. 1. Anunciologia e sociofotografia

É importante observar a existência na obra freyreana da tentativa de sistematização de um pensamento acerca dos estudos midiáticos. Esse desejo de sistematização surge depois da trajetória de estudos que tinham como base a análise de fatos históricos a partir de relatos em jornais e fotografias.

Essa valorização da mídia em seus estudos passa a ser uma preocupação constante; em 1961 publica *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1979). O livro é uma tentativa de interpretação antropológica de questões ligadas aos escravos, tendo por parâmetro os anúncios de jornais. Na referida obra o autor lança as bases para uma possível sistematização desses estudos, propondo a anunciologia (FREYRE, 1979, p.XVI).

Por meio do uso daquele material era possível ao pesquisador acessar as relações cotidianas em sua essência, captando as diferentes formas sociais de comportamento, questões concernentes à economia, enfim, as relações sociais que se encontravam cristalizadas nos suportes midiáticos, em especial nos

²³ O autor da referida nota enfatiza a necessidade de os profissionais da imprensa primarem pela precisão e acuidade do que registram e publicam, centrando-se na veracidade dos fatos, isto porque na perspectiva da história pela mídia, o jornal deixa de ser visto como efêmero. O período de um jornal não é mais o das 24 horas de sua circulação. “No silêncio das coleções, é onde o jornal ganha a sua permanência (...) Onde sem controvérsia, ensina mais do que certos documentos oficiais” (Diário de Pernambuco, 1964).

²⁴ Entidade científica oficializada em 1963 por Luiz Beltrão, criada em convênio com a Universidade Católica de Pernambuco. A criação da entidade fora inspirada no CIESPAL, objetivando desenvolver cursos, pesquisas e manter publicações acadêmicas. Em 1965 tem início a circulação da primeira revista nacional da área – *Comunicações e Problemas* (MARQUES DE MELO, 1999, p.60).

jornais. Para tanto, é importante que não se perca de vista o referencial da Nova História, cujo objetivo é uma historiografia assentada no cotidiano. Logo, há entre a mídia e a história uma relação de simbiose, pois a mídia fala no e para o dia-a-dia, com isso, os suportes midiáticos passam à categoria de objeto de análise para o historiador.

Em *Vida social no Brasil em meados do século XIX* (1977), Gilberto Freyre indica a fotografia como outro importante elemento de análise. Um outro procedimento para se reportar a fatos passados seria por meio do uso de fotografias. Através de evidências fotográficas seria possível revelar o *ethos* de uma sociedade. Com o surgimento da fotografia se inicia uma nova fase de documentação.

Em artigo mais recente (FREYRE, 1983, p.21) o autor fala da fotografia que serve para estudos sociais, classificando esse tipo específico como “sociofotografia”. Segundo ele, a principal característica desse material é que dispensa comentários verbais, por apresentar em imagens exatas o que somente elas podem apresentar. Revelam a realidade tal como ela se mostra e fora captada.

3. 2. O comunicólogo Gilberto Freyre

O resultado final do percurso freyreano é a elaboração de um pensamento acerca do processo comunicacional, que o coloca numa posição de proeminência, chegando a esse patamar alçado por sua intelectualidade vanguardista e realmente crítica sobre a comunicação de massa.

Mas é importante ressaltar que o pensamento de Freyre não é isolado, isto porque buscou manter relações internacionais,

O resultado final do percurso freyreano é a elaboração de um pensamento acerca do processo comunicacional, que o coloca numa posição de proeminência

discutindo suas idéias e pesquisas com figuras proeminentes de outros centros. Aqui objetiva-se mostrar a “presença” nos estudos freyreanos de pensadores que posteriormente viriam a se consagrar por seus trabalhos concernentes a assuntos midiáticos.

Na apresentação à primeira edição de *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, FREYRE (1979, p.L) cita a obra de Marshall MCLUHAN *The Mechanical Bride, Folklore of the Industrial Man* (1951), fazendo referência ao estudo do canadense sobre a influência dos anúncios publicitários sobre o público. Esse fato mostra a preocupação em acompanhar a discussão em âmbito internacional sobre a mídia. Na apresentação à segunda edição da mesma obra, FREYRE (1979, p.XXX) descreve um encontro com o autor canadense no qual teria discutido o uso de artigos e anúncios de jornais em suas pesquisas: “a quem, em recente contato em Paris, aludi ao assunto, tendo ele se interessado pelos estudos brasileiros a esse respeito”.

Em *Como e porque sou e não sou sociólogo* (FREYRE, 1968, p.67) o autor faz menção a Roland BARTHES (1979), citando “seu notável ensaio sobre a moda como sistema”. A obra de Barthes a que Freyre se refere é tida como fundante da moderna semiologia. Nos anos 60, Freyre inicia uma pesquisa em conjunto com Amaro Quintas, antropólogo da Fundação Joaquim Nabuco, sobre a moda, mas o trabalho não foi concluído. Em 1987 Freyre publica *Modos de homens & modas de mulher*, tratando sociologicamente da evolução do conceito de moda, dizendo que já não existe uma moda simplesmente de homem ou simplesmente de mulher.

Um pensamento mais crítico sobre a comunicação de massa se vê esboçado na ‘Advertência do autor’ a *Retalhos de jornais velhos* (FREYRE, 1964, p. XXIV-XXXI). Na referida obra ele fala de um seminário ocorrido na Universidade de Columbia, do qual resultou o livro *Mass media in modern society*, prefaciado pelo professor Paul Lazarsfeld. A discussão teria girado principalmente em torno da relação estabelecida entre produtores e consumidores dos produtos midiáticos.

Por meio dessa breve incursão ao universo das relações entre Freyre e outros pensadores da comunicação social pode-se perceber que o intelectual de Apipucos não se fechava em um pensamento pretensamente autônomo, mas a partir do diálogo com outros pesquisadores punha seus trabalhos à prova, fazendo com que passassem pelo crivo de figuras proeminentes. Resulta desse processo uma visão mais aberta em relação aos demais intelectuais brasileiros, seus contemporâneos, sobre o processo comunicacional, como acerca das novas mídias.

3. 3. História em quadrinhos

Freyre ao longo de sua trajetória inovou em sua forma de análise do social, sobretudo pela percepção da mídia como novo fenômeno cultural, que deveria ser compreendido sem preconceituosos pontos de vista, mas de forma a serem utilizados, por exemplo, para fins educativos. É o caso do artigo publicado em *O Cruzeiro*, em 05 de fevereiro de 1949, em que trata das críticas às revistas em quadrinhos. “Em vez de se deixarem [os críticos] envolver pelo horror furioso à história em quadrinhos, devem servir-se dessa técnica, melhorando-lhe a substância e purificando-lhe o conteúdo de excessos de sensacionalismo, de vulgarismo e de mau gosto” (FREYRE, 1950, p.2).

A visão crítica sobre as histórias em quadrinhos renderam seis artigos nos quais discutia o assunto, na revista *O Cruzeiro*, entre 1948 e 1951²⁵. Esses artigos foram escritos no momento em que se fazia verdadeira campanha contrária às histórias em quadrinhos. Em seu mandato de Deputado Federal apresentou projeto em 1948 para que se publicasse edição em quadrinhos sobre a Constituição de 1946 (FREYRE, 1981, p.350).

De forma oposta aos que defendiam a proibição de tal gênero literário, inclusive por emenda constitucional, colocava-se em sua defesa, alegando que “a história em quadrinhos em si não era boa nem má: dependia do uso que se fizesse dela” (idem, p.351). FREYRE (idem, p.354) considerava aquele gênero como forma moderna de literatura ou arte, cujo mal – de conteúdo ou de substância – não deveria ser confundido com a forma. Em sua opinião era o que estava acontecendo.

3. 4. Imagem em movimento

Da mesma forma vanguardista, Freyre considerava a televisão como importante meio de comunicação. No artigo *Meus caras fãs de televisão* (FREYRE, 1983), fala da qualidade da programação brasileira que, segundo ele, incluía bons noticiários de vários gêneros, além de humor e shows bem dirigidos.

Porém, o que chama atenção é sua opinião sobre a telenovela, que só recentemente foi aceita pela Academia como objeto de estudo em comunicação social. Segundo Fátima QUINTAS (2001), Freyre dizia que as telenovelas mostravam o *ethos* de uma sociedade, além de oferecer diversão. “Ele afirmava que a telenovela era coisa boa”.

²⁵ “Histórias para meninos” (13 nov. 1948); “Outra vez as histórias em quadrinhos” (5 fev. 1949); “Histórias em quadrinhos” (24 jun. 1950); “A propósito de histórias em quadrinhos” (30 jun. 1950); “Ainda as histórias em quadrinhos” (8 jul. 1950); e “Histórias em quadrinhos, nacionalismo e internacionalismo” (9 jun. 1951). Os três artigos de 1950 encontram-se reunidos em *Reino encantado das histórias em quadrinhos. Rio de Janeiro: Brasil-América, s.d., p. 5-7.*

Da mesma forma, discutia o assunto com o amigo Edson Nery da Fonseca (2001a): “Ele dava importância às telenovelas. Lembrou-me bem, quando passou a telenovela *Os ossos do Barão*, ele me recomendou muito que visse. E depois cobrava de mim. Segundo ele, a novela era uma reconstituição muito bem feita da sociedade patriarcal brasileira”.

Em relação ao cinema, a postura de Freyre é semelhante à adotada com as histórias em quadrinhos, exposta em artigos de 1923 e 1924. Ele acredita no seu potencial de interpelação das massas, o que poderia ser empregado, por exemplo, na educação. “No Brasil, não é hoje o cinema que nos vai plasmando muito mais que a escola primária ou outra qualquer influência?” (FREYRE, 1979, vol.1, p.300).

Por meio desse panorama é possível constatar a digressão entre Freyre e a intelectualidade de então. Se o processo comunicacional for concebido, por exemplo, na proposta de Umberto Eco (1979), Freyre apresentava uma visão integrada dos meios de comunicação, por acreditar nas possibilidades de usos sociais abertas pelos modernos meios de comunicação. Com isso, vai contra a perspectiva cinzenta dos apocalípticos que eram pessimistas quanto à nova sociedade a partir do impacto da Indústria Cultural.

4. Fundação Gilberto Freyre: a última realização

A última grande obra de Freyre foi a idealização de uma instituição que levaria o seu nome. O primeiro passo foi dado em 1986, quando firma seu testamento público, em 20 de janeiro, definindo que sua casa, no solar de Santo Antônio de Apipucos, seria a

Freyre acredita que o cinema tem potencial de interpelar as massas, podendo ser empregado na educação

sede de tal fundação. Porém, a fundação é oficializada em 11 de março de 1987, quatro meses antes da morte de seu idealizador.

A Vivenda Santo Antonio de Apipucos, hoje Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, cuja construção, reconhecida como casa-grande original do século XIX e reformada em 1881, abriga o conjunto de objetos colecionados, guardados e ordenados pela família Freyre (<http://www.fgf.org.br>).

O objetivo de se instituir a fundação era reunir o patrimônio cultural de Freyre, seus bens e acervos e estimular a continuidade do trabalho intelectual por ele iniciado, priorizando os estudos da realidade brasileira.

Atualmente a fundação está organizando todo o acervo, que é colocado à disposição de pesquisadores. Parte desse material já se encontra digitalizado, e pode ser encontrado no site: <http://www.fgf.org.br>. Inicialmente o acervo foi organizado, como é o caso dos artigos de jornais e todas as notícias que se publicavam sobre Freyre, por Magdalena. Após sua morte, esta passou a ser responsabilidade da fundação.

Tem desenvolvido ainda iniciativas que difundem o pensamento freyreano, como em relação ao meio-ambiente, com aulas e cursos que são ministrados no complexo educacional construído no sítio ecológico “Pitangão”, na área que circunda o antigo solar.

5. Considerações finais: o deslocamento do saber freyreano

Freyre em muito contribuiu para o avanço do que hoje se entende por ciência

em sua ligação com as questões sociais e para a compreensão da cultura, em especial a brasileira. A perspectiva adotada por Freyre é a da interação da cultura com o cotidiano, e sua metodologia transgride as fronteiras das disciplinas das ciências sociais. A partir dessa premissa é que surge a inovação freyreana: a ligação entre mídia e cultura, numa sociedade em que cada vez mais as relações são mediadas por aparatos tecnológicos.

Em sua formação nos Estados Unidos entra em contato com o instrumental teórico-metodológico da nova história social, cujo objetivo é estudar o movimento histórico a partir das relações cotidianas. Ao se aproximar da mídia como elemento de estudo, toma-a como “instituição” que escreve diariamente essa história social, asentada nas pessoas e nas suas relações. Daí decorre também seu outro interesse: tomá-la como palanque para suas idéias, que passam a ser difundidas no cotidiano, e com isso, a ‘escrever a história diária’. Ou seja, se a mídia escreve a história, seria necessário estar na mídia para fazer parte do processo histórico.

As reflexões de Gilberto Freyre acerca da comunicação, da mesma forma que sua trajetória como jornalista e homem da mídia, são fundamentais para a compreensão da constituição do campo da comunicação no Brasil. A análise da tradição freyreana numa ótica comunicacional torna-se imprescindível por oferecer às gerações futuras parte importante de nossa história. Merecem destaque as contribuições do ilustre pernambucano para a compreensão dos fenômenos comunicacionais, numa perspectiva inovadora.

Sobre o autor

Doutorando em Comunicação e Cultura, linha de pesquisa “Análise aos produtos midiáticos” – Facom/UFBA; Mestre em Comunicação – UMESP; Bacharel em Jornalismo – UFES; Coordenador do curso de Jornalismo da Faculdade Social da Bahia, professor de Terias da Comunicação e editor da Revista Diálogos Possíveis. edsondalmonete@uol.com.br

Referências

- BALL-ROKEACH, Sandra; DEFLEUR, Melvin L. Teorias da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 397 p.
- BARROS FILHO, Clóvis de. Agenda setting e recepção. 1994.
- BARTHESE, Roland. Sistema da moda. São Paulo: Ed. Nacional: EDUSP, 1979. 301p.
- BENJAMIM, Roberto. Gilberto Freyre e a história de Pernambuco. Entrevista concedida a Edson Fernando Dalmonete. Recife, julho de 2000.
- BOAS, Franz. Race, language and culture. 6. ed. New York: The Macmillan Company, 1959, 647 p.
- CHACON, Vamireh. Gilberto Freyre: uma biografia intelectual. Recife: Massangana, 1993. 312 p.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- EMERY, Edwin. História da imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Libador, 1965. 812 p.
- FONSECA, Edson Nery da. A relação de Gilberto Freyre com a mídia. Entrevista concedida a Edson Fernando Dalmonete. Recife, agosto de 2001a.
- _____. ; GASPAR, Lúcia. Irredutivelmente escritor: uma bibliografia de Gilberto Freyre. 2. ed., aumentada e atualizada. Recife: no prelo, 2001b.

FREYRE, Gilberto. O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

____. Retalhos de jornais velhos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. 176 p.

____. Como e porque sou e não sou sociólogo. Brasília: Universidade de Brasília, 1968. 189 p.

____. Ordem e progresso. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974, 2 vol. 811 p.

____. Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade - 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

____. Vida social no Brasil nos meados do século XIX. 2. ed. Recife: Editora artenova, 1977. 126 p.

____. Tempo de aprendiz (Vol. I e II). São Paulo: IBRASA/MEC, 1979. 385 e 400 p.

____. Pessoas, coisas e animais. 1ª série: ensaios, conferências e artigos/ reunidos e apresentados por Edson Nery da Fonseca. 2. ed. Porto Alegre-Rio de Janeiro: Globo, 1981.

____. Meus caros fãs de televisão. Diário de Pernambuco. 30 de outubro de 1983.

____. ; PONCE DE LEON, Fernando; VASQUEZ, Pedro. O retrato brasileiro: fotografias da Coleção Francisco Rodrigues, 1840-1920. Rio de Janeiro, FUNARTE, Fundação Joaquim Nabuco/Departamento de iconografia, 1983. 100 p.

____. O Diário de Pernambuco e eu. In: BATISTA, Maria Regina (Org.). Diário de Pernambuco: 160 anos. Exposição comemorativa. Recife: Editora Massangana, 1985.

____. Casa grande & senzala. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996a. 569 p.

____. Sobrados e mucambos. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996b. 758 p.

GUERRA, José Augusto. Retalhos de jornais velhos. Ciência e trópico. Recife: Editora Massangana, vol. 8, n. 1, 1980.

I curso nacional de Ciências da Informação. Comunicação & problemas. Recife: ICINFORM, n. 2, p.109-112.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2000. 205 p.

MARQUES DE MELO, José. A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil: contribuições de Gilberto Freyre e Luiz Beltrão. In: Estudos de jornalismo comparado. São Paulo: Pioneira, 1972.

____. A constituição da comunidade acadêmica brasileira no campo das ciências da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas. São Paulo: Unisanta, 1999a. 296p.

____. Gilberto Freyre, criador do primeiro manual de jornalismo do Brasil. Imprensa, São Paulo, n.147, p.78-79, abri. 2000.

MCLUHAN, Marshall. The Mechanical Bride, Folklore of the Industrial Man. Nova York, 1951.

MORAIS, Fernando. Chatô: o rei do Brasil. São Paulo: Gráfica Círculo, 1994. 679p.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira - 1933-1974. 9. ed. 2. impr. São Paulo: Ática, 2000. 303 p.

NASCIMENTO, Luiz do. A Província. In: História da imprensa em Pernambuco (1821-1954). Vol. II. Recife: Imprensa Universitária, 1966. p.174-236.

____. Diário de Pernambuco. Recife: Imprensa Universitária, 1968. 210 p.

PEREIRA, Nilo. Gilberto Freire, jornalista. In: Iniciação ao jornalismo. Natal:UFRN, 1982, p.187-206.

QUINTAS, Fátima. Gilberto Freyre e o uso da mídia como objeto de análise. Entrevista concedida a Edson Fernando Dalmonete. Recife, agosto de 2001.

RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: uma introdução a Casa-grande & senzala. In: Sobre o óbvio. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SANTOS, Jayme. O mestre Gilberto Freyre. Diário de Pernambuco. 15 de março de 1959. p. 3.

TOSLTOI, Léon. Guerra e paz. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. 604 e 630 p. 2 v.
UM breve perfil. Jornal de Cultura. Ano II, n. 18, março de 2000, p.2.

VILA NOVA, Sebastião. Sociologias e pós-sociologias em Gilberto Freyre. Recife: Massangana, 1995. 137 p.